Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011

UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP

Novos atores e escalas de ação

http://downloads.open4group.com/wallpapers/planeta-azul-3109.jpg

Sumário

Vídeo da Semana **3**

Novos atores e escalas de ação 3

Um início de conversa 3

4.1 - A agenda ambiental 5

4.2 - A força dos jovens 12

Bibliografia **15**

Vídeo da Semana

Novos atores e escalas de ação

Um início de conversa

No dia 06 de agosto de 1945, o mundo assistiu estarrecido a explosão da primeira bomba atômica, em Hiroshima. Quase todos os edifícios foram completamente destruídos, matando de imediato 60 mil pessoas e milhares de outras vítimas alguns meses depois, em decorrência da contaminação radioativa. O Japão se renderia no mês seguinte às forças aliadas sob a liderança dos Estados Unidos, encerrando a Segunda Guerra Mundial.

Os efeitos da explosão nuclear em Hiroshima foram devastadores e despertaram a consciência da capacidade destrutiva da humanidade, em escala planetária. Contudo, a mobilização dos pacifistas não foi suficiente para evitar a corrida armamentista, que acumulou um arsenal atômico capaz de destruir 120 vezes a vida na Terra (PRINGLE; SPIGELMAN, 1981 apud VIOLA, 1987).

Como vimos na aula anterior, a Geopolítica mudou imensamente desde 1989. Após a queda do muro de Berlim, o mundo teve um deslocamento de tensões e uma crescente participação econômica, política e cultural do que fora chamado por muitos anos como "Oriente". As nações "orientais" e "ocidentais" que eram, até então, disputadas pelo ideário capitalista ou socialista, passaram a produzir e consumir em escala cada vez maior, desvalorizando os preços dos produtos industriais. Por sua vez, os países periféricos mais pobres, tanto da África como da América Latina, tiveram suas principais mercadorias (*commodities* agrícolas e minerais, principalmente) sobrevalorizadas. Assim, a antiga divisão norte (países ricos) e sul (países pobres) foi relativizada, com a emergência de países como o Brasil e a África do Sul, formando novos arranjos políticos no cenário internacional, com a valorização das matérias-primas semi-processadas e dos recursos naturais.

A elevação do preço do petróleo, desde o início da década de 1970, pode ser considerada um marco desta nova tendência, que transformou a escassez de recursos numa ameaça ao equilíbrio do poder mundial, não apenas porque colocou em jogo a riqueza das nações mais poderosas, mas também a soberania dos países pobres.

Foram os movimentos ecológicos os primeiros que deram visibilidade a estes problemas de escassez dos recursos naturais, despertando a consciência da destruição do solo através de seu uso abusivo (incluindo a sua contaminação); das inundações e alterações do clima; da ameaça à vida biológica nos oceanos, lagos e rios, devido à poluição de suas águas; da poluição da atmosfera em função da concentração de atividades industriais em áreas superpovoadas.

Diante deste quadro de exacerbada degradação ambiental em escala planetária, os movimentos ecológicos propuseram um novo sistema de valores sustentado no equilíbrio ecológico, na justiça social, na não-violência e na solidariedade com as gerações futuras (CAPRA, 1986). Por causa de suas preocupações, podem ser considerados, juntamente com os movimentos pacifistas, num ponto de inflexão na história da mobilização social e da ação coletiva. Tanto os pacifistas como os ambientalistas são porta-vozes de bandeiras que ultrapassam as fronteiras de classe, sexo, raça e idade (BOBBIO, 1982 apud VIOLA, 1987), o que propiciou o surgimento de uma nova safra de partidos políticos, os partidos verdes ou ecopacifistas. Este foi o caso do primeiro partido verde, o Partido dos Valores da Nova Zelândia, fundado em 1969, que conseguiu num curto período afetar profundamente a cultura política, ecologizando os

dois partidos tradicionais (Trabalhista e Nacional) que alternavam historicamente no poder. É também a situação atual do Partido Verde Alemão, que está influenciando profundamente a social-democracia, introduzindo no seu seio a importante corrente ecossocialista.

Esta nova agenda despertou o interesse dos jovens pela política mundial. Certamente, contribuiu para isto a facilidade de acesso às informações e a divulgação dos problemas ecológicos pelas mídias (primeiro pela televisão, depois pela Internet). É por isto que vamos dar destaque nesta semana às escalas de ação destes novos atores geopolíticos.

4.1 A agenda ambiental

O mercúrio é um metal pesado que pode ser encontrado em compostos químicos utilizados, por exemplo, na produção de cloreto de polivinila, mais conhecido como PVC. Durante anos, uma fábrica localizada em Minamata (Japão) lançou resíduos de mercúrio nas águas da baía, de onde a população local extraia sua principal fonte de alimentos: os peixes. O mercúrio dissolvido na água do mar foi introduzido na cadeia alimentar, contaminando a comunidade de pescadores.

Este triste episódio começou a ser observado na década de 1950 e resultou no reconhecimento dos efeitos da contaminação por mercúrio no organismo humano. Altas dosagens de mercúrio no organismo podem provocar sérios comprometimentos no sistema nervoso, gerando problemas auditivos e cegueira. A este quadro patológico passou a se denominar "Síndrome de Minamata", em homenagem às vítimas da contaminação naquela baía japonesa.

É evidente que problemas de contaminação ambiental e de uso predatório dos recursos naturais, como de Minamata, não se restringem ao mundo pós-guerra ou aos últimos dois séculos da era industrial. O que é novo nestes episódios é a escala do impacto ambiental. No início do século XXI, a devastação dos recursos naturais alcançou uma escala planetária (veja um exemplo no mapa), e as nações passaram a ter de lidar com este tipo de problema.

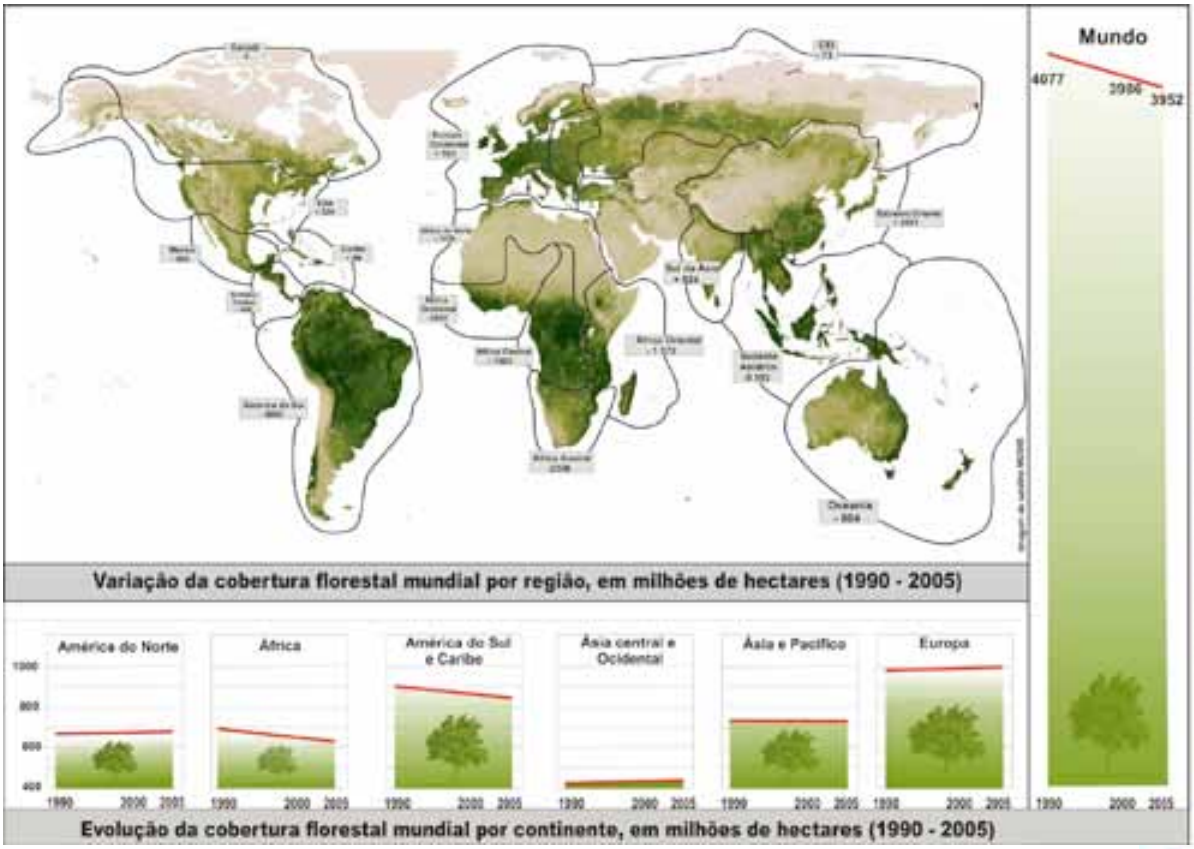

Figura 6 – Mapa: devastação por continente

Apesar da emergência do movimento ecológico ter ocorrido a partir da década de 1950, foi a partir de 1970 que a temática ambiental se transformou numa agenda política mundial. O marco deste processo foi a realização em Estocolmo da Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente, em 1972.

Nesta Conferência, discutiram-se elementos de mitigação dos efeitos das mudanças climáticas em uma lista de 26 princípios, que estipulava ações para o estabelecimento de planos de preservação ambiental pelas nações. Ao mesmo tempo, a Conferência garantia a soberania nacional, ou seja, a liberdade de cada país explorar seus próprios recursos naturais. Muitos destes princípios transformaram-se, ao longo das décadas seguintes, em metas de negociação da agenda ambiental mundial.

O chamado "Clube de Roma", formado por cientistas, industriais e políticos, teve uma participação decisiva na Conferência de Estocolmo, apresentando a proposta do crescimento zero para a economia mundial, idéia que foi melhor sistematizada com a publicação do Relatório de Meadows (1973).

Os autores deste relatório simularam as conseqüências da interação entre os sistemas do planeta Terra com os sistemas humanos, a partir de cinco variáveis: população mundial, industrialização, poluição, produção de alimentos e esgotamento de recursos. Respaldados em projeções computacionais sobre o crescimento exponencial da população e pelo esgotamento dos recursos naturais, poluição ambiental e a fome, previram o caos mundial em menos de quatro gerações.

Assim, pela primeira vez, a degradação do meio ambiente foi associada ao crescimento econômico. Desde então vários relatórios, tanto da ONU[1] como de organizações não governamentais ajudaram a construir um paradigma teórico da chamada ecologia política. Segundo Viola (1987), esta vertente ecológica passou a criticar não apenas as relações contraditórias geradas pela sociedade (como o faz o marxismo), mas também, e fundamentalmente, as relações contraditórias da sociedade e natureza.

1. Pode-se citar as convenções de Berna (proteção de habitats) e Genebra (poluição atmosférica) e os relatórios de Montreal de 1987(sobre o CFC).

Estas reflexões apontavam para a necessidade de tornar compatível a melhoria nos níveis e qualidade de vida preservando, ao mesmo tempo, o ambiente. Desta forma, o movimento ecológico trouxe também a oportunidade de se construir uma nova agenda política[2] a partir da crítica ao modelo de desenvolvimento em vigor.

2. É devido a este novo caráter do movimento ecológico que ele se transforma no eixo do surgimento de uma nova safra de partidos políticos, denominados partidos verdes.

Para dar resposta à necessidade de harmonizar os processos ambientais com os socioeconômicos, maximizando a produção dos ecossistemas para favorecer as necessidades humanas presentes e futuras, um conceito que se construiu a partir de então, foi o de **desenvolvimento sustentável.** Este conceito ganhou notoriedade com a publicação em 1987 do relatório que ficou conhecido como *Nosso Futuro Comum*, da Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (1988), presidida pela Sra. Brundtland, ex-primeira ministra da Noruega, que se transformou na base das discussões da ECO 92 ou RIO 92.

Dentre os principais assuntos abordados no Rio de Janeiro em 1992 encontra-se a discussão de como fazer com que os países em desenvolvimento tivessem acesso às tecnologias não agressivas ambientalmente e fortalecer, concomitantemente, as instituições dedicadas aos

estudos dessas tecnologias. Nessa Conferência teve origem o documento denominado Agenda 21, aprovado e assinado por 175 nações presentes no encontro.

De acordo com a Agenda 21[3], cada país se comprometeu em poder cooperar no estudo de soluções para os problemas sócio-ambientais, envolvendo não apenas o governo, mas também as empresas, as organizações não-governamentais e todos os setores da sociedade. Para isto, cada país teve que se organizar para elaborar o seu próprio documento, como ocorreu no Brasil a partir dos trabalhos coordenados pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável e da Agenda 21 Nacional (CPDS) [4].

3. A íntegra do documento está disponível em: http://www.ecolnews.com.br/agenda21/

4. Neste site, você também poderá ver a agenda 21 do Estado de São Paulo: http://www.ambiente.sp.gov.br/agenda21brasileira.php

Em 1997, na cidade de Kyoto no Japão, foi assinado um novo documento da Convenção Marco sobre Mudanças Climáticas: o Protocolo de Kyoto. O objetivo do protocolo foi de comprometer as nações mais industrializadas a reduzir em 5,2% no período de 2008 a 2012 as emissões de gases estufa que interferem no aquecimento da Terra.

Apesar da grande maioria dos países ter assinado o Protocolo de Kyoto, os maiores poluidores (como os EUA, veja o gráfico abaixo) resistiram em apoiar o documento, alegando os prejuízos que o controle da emissão de carbono poderia causas nas cadeias industrial, energética e automotiva.

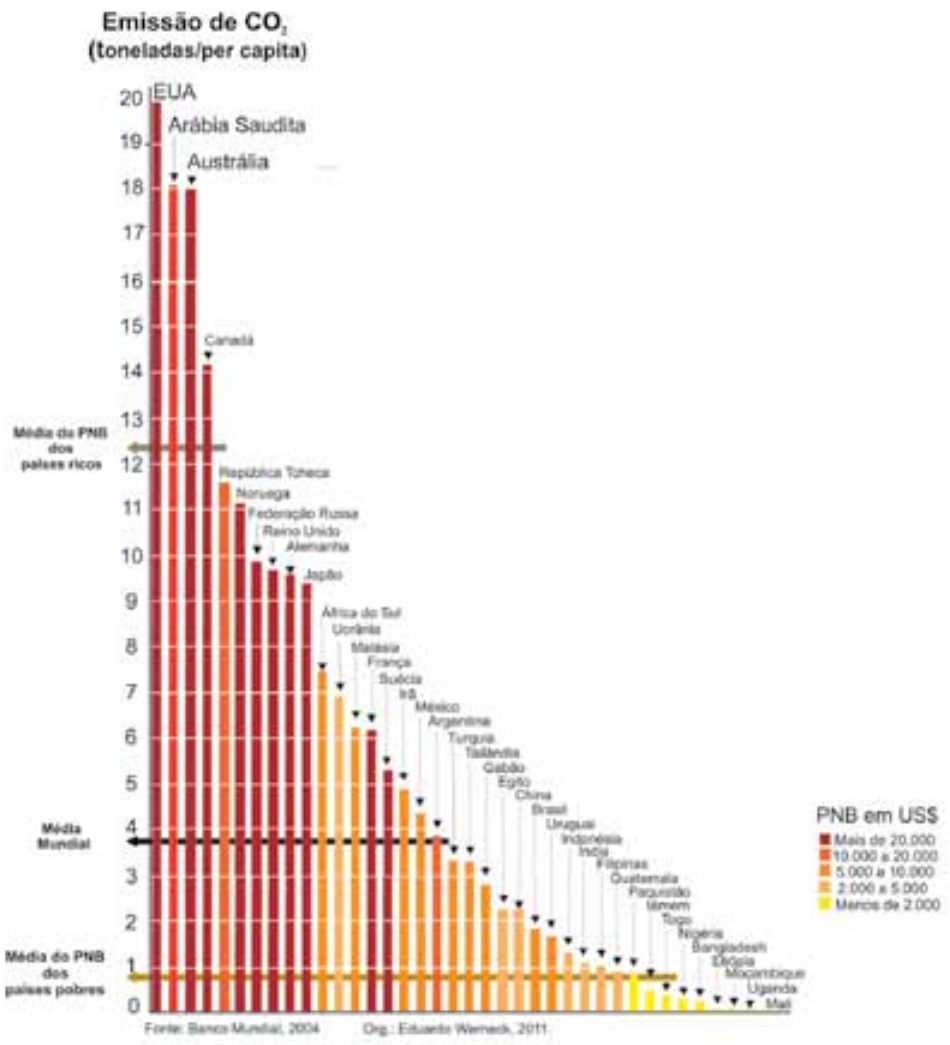

Figura 7 – Gráfico: Países Emissores de CO2 (WORLD BANK, 2004).

No ano de 2002, foi realizada a Conferência de Johannesburgo, conhecida como "Rio+10". O objetivo dessa reunião foi avaliar o progresso das metas estabelecidas na ECO-92, principalmente com relação à Agenda 21. O principal resultado obtido em Johannesburgo foi a formação da "Cúpula Mundial de Desenvolvimento Sustentável", tornando a avaliação da Agenda 21 uma atividade permanente da ONU.

É interessante ressaltar que durante a ECO-92, paralelamente, várias entidades da Sociedade Civil criaram um espaço para discussão: o Fórum Global 92, do qual participaram cerca de 10 mil Organizações Não- Governamentais (ONGs). Foram estas organizações que deram

origem a outro importante documento - a Carta da Terra[5] - para pautar, pelos olhos críticos e pelos interesses legítimos da cidadania, as ações globais dos governos e dos órgãos oficiais em prol do desenvolvimento sustentável.

5. O documento pode ser lido na integra: http://www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html

Desde então pode-se perceber que as ONGs começaram exercer um papel inovador no cenário político ambiental, Através da capacidade de exercer pressão política, amplificar a escala de denúncias, captar recursos, mobilizar e sensibilizar setores da mídia internacional, e acima de tudo de produzir e disseminar informações, se converteram em atores capazes de influenciar e pressionar os governos nacionais, os organismos internacionais e demais agências bilaterais e multilaterais. Dentre inúmeros exemplos, podemos destacar algumas ONGs pioneiras no mundo e no Brasil.

A Fundação para Proteção da Vida Selvagem, a WWF é uma ONG ambiental criada em 1961. Preocupada com a defesa de espécies ameaçadas de extinção, de áreas virgens e de apoiar a educação ambiental, esta organização vem conseguindo atrair muitos interessados na defesa do meio ambiente, captando recursos para o desenvolvimento de projetos ambientais. Veja um vídeo institucional da ONG:

YouTube

http://www.youtube.com/watch?v=iOogArd6NRA&feature=relmfu

A ONG também vem investindo em parcerias com o setor privado. Para a instituição, essas são ações importantes para ampliar o trabalho de conservação da natureza e uso sustentável dos recursos naturais.

Uma segunda organização que destacamos é o Greenpeace, criado em 1971 no Canadá. Esta ONG ganhou notoriedade mundial por sua maneira arrojada de protestar (que por sinal ficou como característica de suas ações). Veja um vídeo, mostrando a organização em ação:

http://www.youtube.com/watch?v=zVu9eawb1QY&feature=related

A primeira atividade do Greenpeace foi a organização de uma expedição às ilhas Aleutas (no Estreito de Bering) como forma de protesto contra testes nucleares que os EUA estava realizando naquele local. Desde então, o Greenpeace espalhou-se pelo mundo e tem representações em 41 países, inclusive no Brasil.

Um bom exemplo de ONG brasileira que atua no campo ambiental é a SOS Mata Atlântica. Vindo de outras mobilizações ambientais para conter a devastação da Mata Atlântica brasileira, os organizadores desta ONG conseguiram aglutinar diversas entidades para criar em 1986 a "SOS Mata Atlântica". Tendo como objetivo a capacitação de pessoas para a geração de conhecimento sobre o bioma, a SOS Mata Atlântica possui várias parcerias. Com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), por exemplo, a ONG publicou o Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica, aliando o sensoriamento remoto no monitoramento do bioma.

Avaliando o trabalho destas organizações não governamentais podemos concluir que o debate ambiental se converteu num processo social em escala planetária. A consciência ambiental se ampliou e com isto cresceu a percepção da noção de risco e o entendimento de que as transformações em curso estão se convertendo em ameaças cada vez mais preocupantes.

Outra vertente de atuação é a de empresas que introduziram no universo do mercado as preocupações ambientais. Uma forma de fazer isto é a criação do selo verde ou de certificações dos produtos, como o ISO 14 000.

O ISO 14000 é um conjunto de normas ambientais, não obrigatórias e de âmbito internacional, que possibilita a obtenção da certificação ambiental. Valle (1995) afirma que após implantada pelas empresas e exigida pelos consumidores, a Série ISO 14000 tem beneficiado

os produtores responsáveis, preocupados com o meio ambiente, contra os concorrentes inconseqüentes e irresponsáveis que, por não respeitarem o meio ambiente, conseguem produzir a um menor custo, repassando parte dos custos não internalizados para a sociedade, via externalidades negativas.

As empresas que atuam na exploração de recursos naturais também procuram adotar uma agenda ambiental, seja como forma de compensar o uso do patrimônio ecológico ou de reverter para a sociedade os benefícios obtidos com os empreendimentos, como é o caso da Petrobrás. Verifique os programas ambientais em desenvolvimento pela petroleira brasileira no site: http://www.petrobras.com.br/ppa2010/home/. Observe que a Petrobrás investe tanto na recuperação e Conservação de florestas e áreas naturais, como na gestão de corpos hídricos superficiais e subterrâneos, assim como em projetos de educação ambiental.

Embora o debate ambiental (tanto na escala local, nacional e internacional) vem se mostrando como um espaço de ação dos diversos atores, como os Estados, ONGs, empresas e a sociedade civil, uma crítica que pode ser feita às estas iniciativas é a falta de maior integração das atividades destas organizações na luta por maior justiça ambiental e na resistência ao avanço de um capitalismo predatório.

Os maiores avanços neste sentido estão relacionados à crescente globalização não só de agendas de muitos movimentos, mas também das formas de luta, notadamente a partir da incorporação das novas tecnologias de informação. Isto possibilita a formação meios de comunicação, ou mesmo, redes locais, nacionais e transnacionais. A partir da construção de novas relações entre atores na sociedade civil, Estados e organizações internacionais, multiplicam-se os canais de acesso a informações, o que se configura como um importante e estratégico instrumento de discussão e reflexão no mundo contemporâneo.

4.2 A força dos jovens

O conceito de juventude é uma invenção do mundo pós-guerra, frequentemente associado à música de protesto. O estilo musical mais relevante para a juventude é o *rock*, que surgiu na década de 1950 com os Saddlemen, depois chamados de Bill Halley and the Comets. Eles

cantavam e dançavam o rock and roll, um estilo de música que iria marcar época. O líder Biil Halley empunhava e tocava o maior símbolo do rock: a guitarra elétrica.

Outros astros surgiram na sequência, como Chuck Berry e Elvis Presley, entre tantos outros músicos americanos. Este último passou a combinar uma série de elementos que foram apropriados pela indústria cultural: um ídolo produzido para ser comercializado. De Elvis se vendia tudo: seu comportamento, seus discos, seu estilo de vestir, enfim, tudo servia para que a indústria cultural ganhasse mais dinheiro.

Na década de 1960, o movimento do *rock and roll* mudou de eixo, embora mantendo o inglês como idioma principal. As bandas mais bem-sucedidas no *show business* internacional eram da Inglaterra. Na cidade de Liverpool, quatro rapazes filhos de operários e nascidos em Birmingham - John Lennon, Paul McCartney, George Harrison e Ringo Star - formaram a banda The Beatles, talvez a mais popular de toda a história do *rock*. Inicialmente eles vestiam ternos bem cortados e usavam cabelos curtos. Porém, com o passar dos anos, deixaram os cabelos crescer e abandonaram seus ternos para protestar contra a ordem estabelecida. Um protesto contido, sem outro objetivo que o de apontar problemas humanos, mas que nunca teve realmente algo de revolucionário.

Além dos Beatles, outras bandas e personagens surgiram na década de 1960, como The Rolling Stones, cujo líder, Mick Jagger, pode ser considerado uma das principais lideranças do *rock* mundial. A cantora Janes Joplin e o guitarrista Jimmi Hendrix, ambos norte-americanos, tinham seu excepcional talento associado à rebeldia, na época representada pelo consumo de drogas e pela prática do amor livre.

Em agosto de 1969, o *rock* teve seu momento de glória, que acabou por se transformar em um símbolo do desejo da juventude de mudar os rumos da humanidade. Cerca de 500 mil jovens reuniram-se no Festival de Woodstock, nos Estados Unidos, no qual se apresentaram mais de 30 bandas. Foram três dias de sonho, nos quais o lema "faça amor, não faça a guerra", uma das máximas do movimento *hippie*, foi praticado por muita gente.

Nas décadas de 1970 e 1980, a visão romântica dos roqueiros dos anos sessenta foram substituídos por movimentos mais heterogêneos, como dos *punks* e do *hip hop*.

Os *punks* surgiram no final dos anos 1960 na Inglaterra. Eram filhos de operários e moradores da periferia que viram suas possibilidades de emprego reduzidas com o avanço da internacionalização da economia. Os jovens que viviam excluídos socialmente, em bairros violentos e sem perspectivas de mudança, aglutinaram-se em grupos que praticavam atos de violência e andavam sujos e rasgados. *Punk*, em inglês, significa "podre", "lixo".

Proclamando a anarquia e a luta contra a sociedade de consumo, chocaram a opinião pública por usar palavrões e pregar a destruição do sistema.

Após seu surgimento na Inglaterra, os *punks* espalharam-se pelo mundo, despertando cada vez mais o interesse dos jovens das periferias urbanas. Procurando assumir uma postura de contestação contra o Estado e o sistema, eles consideram o seu movimento como internacionalista, formando uma complexa rede de comunicações entre jovens do mundo inteiro, através de fanzines - jornais e boletins publicados pelo próprio movimento, cartas, discos e fitas das bandas de *rock* preferidas, que os mantêm muito bem informados das tendências que estão surgindo em cada país.

O *hip hop* surgiu nos Estados Unidos um pouco mais tarde, na década de 1970. Podemos encontrar neste movimento cultural a combinação de três tipos de manifestação artística: o *rap* (tipo de música centrada no ritmo e na poesia das letras, em detrimento da melodia), o grafite (pintura artística de murais de rua ou em estampas de camisetas) e o street dance ou break (dança que combina o ritmo dos pés com o equilíbrio corporal com as mãos em performances de duplas de dançarinos em desafio).

O que diferencia estes movimentos culturais jovens daquela juventude rebelde dos anos 1950 e 1960 é a crescente autonomia dos grupos de rap dos compromissos de mercado da indústria cultural. Utilizando-se das inovações tecnológicas propiciadas pela Internet (rádios virtuais, blogs e portais de acesso) e pelas redes sociais (facebook, por exemplo), um número crescente de grupos culturais alternativos tem consigo circular as suas ideias e manifestações artísticas pelo mundo inteiro.

Segundo Bobbio (1995, p. 23), "os inovadores comportamentos políticos das gerações jovens seriam resultantes de uma relativa emancipação do controle da família e da escola, bem como do desenvolvimento de uma 'cultura' específica da adolescência e da juventude". Sabe-se que a he-

terogeneidade de interesses e expectativas dos jovens é enorme. Vivendo a adolescência, muitos se apresentam abertos a novas experiências afetivas e emocionais, enfrentando e transgredindo padrões de comportamento impostos. Por causa disto, desde a Revolução Francesa, os jovens foram se tornando protagonistas de inúmeros movimentos políticos e artísticos. Nos dias atuais, os jovens encontram-se organizados em torno de movimentos culturais e se apresentam como difusores de estilos centrados na música, no lazer e no consumo de produtos identificados com a cultural juvenil. É esta a força dos jovens no cenário político contemporâneo.

Bibliografia

- BONIFACE, Pascal; VÉDRINE; Hybert. **Atlas du monde global**.Paris: Armand Colin/ Fayard, 2010.
- CAPRA, Fritjo. **O ponto de mutação**. São Paulo, Cultrix, 1986.
- COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988.
- MEADOWS, D. H. (Org.). **Limites do crescimento**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- VALLE, Cyro Eyer do. **Qualidade ambiental**: o desafio de ser competitivo protegendo o meio ambiente. São Paulo: Pioneira, 1995.
- VIOLA, Eduardo. O movimento ecológico no Brasil (1974-1986): do ambientalismo à ecopolítica. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 1, n. 3, 1987.

Ficha da Disciplina

Ordem geopolítica mundial - atores e escalas de ação

Eduardo Augusto Werneck Ribeiro

Regina Celia Correa de Araujo

Raul Borges Guimarães

unesp

REDEFOR
Rede São Paulo de Formação Docente

Ementa:

A preocupação central desta disciplina é de analisar o contexto histórico-geográfico que originou e estruturou a hegemonia americana, considerando a relação econômico-financeira e político-militar dos Estados Unidos com os países latino-americanos, europeus, asiáticos e africanos. Em vista dos conflitos regionais, movimentos migratórios internacionais e o aumento da desigualdade regional, os alunos serão desafiados a avaliar diferentes processos que impactam o sistema político internacional.

Palavras chaves:

Ordem Mundial, Hegemonia, Estado, Nação e Poder.

Estrutura da Disciplina

Ordem geopolítica mundial - atores e escalas de ação	1. Estado, Estado-territorial e Estado Nacional	1.1 – Poder, território e Estado
		1.2 – A geografia política clássica alemã
	2. Relações estratégicas internacionais e a estruturação da ordem mundial	2.1 – A geopolítica no mundo entre guerras
		2.2 – Hegemonia americana e repartição do poder mundial
	3. A (des)ordem mundial	3.1 – Guerra Fria e bipolaridade
		3.2 – A crise da ordem mundial
	4. Novos atores e escalas de ação	4.1– A agenda ambiental
		4.2 – A força dos jovens
	5. A crise do mundo árabe	5.1 – A formação do mundo árabe
		5.2 – Tabuleiro político atual

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Pró-Reitora de Pós-graduação
Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora
Ana Maria Martins da Costa Santos
Coordenadora Pedagógica

Cláudio José de França e Silva
Rogério Luiz Buccelli

Coordenadores dos Cursos
Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)
Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)
Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)
Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - *sub-coordenador*
Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)
Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico
Ari Araldo Xavier de Camargo
Valentim Aparecido Paris
Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria/Administração
Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância
(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior
Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura
Pierre Archag Iskenderian
Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira
Guilherme de Andrade Lemeszenski
Marcos Roberto Greiner
Pedro Cássio Bissetti
Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material
Elisandra André Maranhe
João Castro Barbosa de Souza
Lia Tiemi Hiratomi
Liliam Lungarezi de Oliveira
Marcos Leonel de Souza
Pamela Gouveia
Rafael Canoletti
Valter Rodrigues da Silva